

## GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS E SOCIABILIDADES: UM ESTUDO DO CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER NA CIDADE DE JOÃO NEIVA/ES<sup>1</sup>

Recebido em: 18/04/2023

Aprovado em: 31/05/2023

Licença: 

*Cesar Felipe Cumim do Nascimento*<sup>2</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – ES – Brasil

<https://orcid.org/0009-0001-0157-6533>

*Ivan Marcelo Gomes*<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – ES – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0311-9651>

**RESUMO:** O presente trabalho trata-se de um estudo que analisa os processos de sociabilidade que acontecem em um grupo de convivência para idosos na cidade de João Neiva, no Espírito Santo (ES). Para isso, apropriamo-nos do conceito de sociabilidade desenvolvido pelo filósofo alemão Georg Simmel e do conceito de “pedaço” do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, estendendo essa concepção ao Centro Associativo Renascer (CEAR), onde foram observadas relações de tensões, mas principalmente de um forte sentimento de pertencimento que sustenta uma rede de sociabilidade entre os frequentadores do local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociabilidade. Idosos. Atividades de lazer.

### COEXISTENCE GROUPS FOR THE ELDERLY AND SOCIABILITY: A STUDY OF THE CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER IN THE CITY OF JOÃO NEIVA/ES

**ABSTRACT:** The present work is a study that analyzes the processes of sociability that take place in a coexistence group for the elderly in the city of João Neiva, in Espírito Santo (ES). For this, we appropriated the concept of sociability developed by the german philosopher Georg Simmel and also the concept of “piece” by the

<sup>1</sup> Pesquisa apoiada e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES.

<sup>2</sup> Licenciado em Educação Física pela Escola Superior São Francisco de Assis (2015), bacharelado em Educação Física pela Escola Superior São Francisco de Assis (2016) e mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2019).

<sup>3</sup> Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (1994), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2000) e doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Professor efetivo do Centro de Educação Física e Desportos na Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/CEFD/UFES).

anthropologist José Guilherme Cantor Magnani, extending this conception to the Centro Associativo Renascer (CEAR), where relations of tensions were observed, but mainly from a strong sense of belonging that sustains a sociability network among the locals.

**KEYWORDS:** Sociability. Elderly. Leisure activities.

## **Introdução**

O Brasil atravessa uma transição demográfica e epidemiológica caracterizada pelo aumento da expectativa de vida e pela diminuição da natalidade (OLIVEIRA; FEITOSA; FERREIRA, 2012). Em 2017, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) estimava que a população idosa no Brasil ultrapassava 30 milhões de pessoas (IBGE, 2017).

Apesar de ser uma etapa natural da vida, o envelhecimento pode ser analisado de modos distintos. Dentre eles, podemos identificar basicamente duas abordagens principais: a que entende o envelhecimento como um declínio; e a que o compreende como uma etapa da vida de autonomia e integração (SILVEIRA; STIGGER, 2007).

Embora haja essa distinção entre as concepções sobre o envelhecimento, devemos considerar que se trata de um processo complexo. Em suma, é seguro afirmar que envelhecer perpassa dimensões biológicas, cronológicas, psicológicas e sociais, sendo uma experiência heterogênea que pode ser positiva ou negativa, dependendo das condições econômicas e socioculturais de cada indivíduo.

A depender do contexto social do qual o sujeito faz parte, com o passar do tempo, as interações de sociabilidade diminuem gradativamente e, perante essa realidade, os grupos de convivência tornam-se uma ferramenta para manter ou reconstruir a rede de sociabilidades dos idosos (ZIMERMAN, 2000).

Deste modo, compreendemos os grupos de convivência como espaços que oportunizam a sociabilidade, principalmente para pessoas que possuem mais de 60 anos.

Esses espaços também são conhecidos como clubes ou grupos da terceira idade/de idosos e, até mesmo, como centros de vivência (OLIVEIRA; CABRAL, 2004).

Alguns estudos sinalizam que os principais motivos apontados pela procura por Grupos de Convivência foi a tentativa dos indivíduos de livrarem-se da solidão e aumentar a autoestima (BULSING *et al.*, 2007), participar de programas de lazer para aumentar a participação social, bem como ampliar amizades (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007). Além disso, “indicação médica” (PENNA; SANTO, 2006) também foi apontado como um dos motivadores.

Dentre os motivos citados para a procura por grupos de convivência, a literatura sinaliza também que, de modo geral, existem dois grandes grupos de pessoas que buscam ingressar nesse tipo de associação: uma parcela dos indivíduos busca melhorias no que tange ao aspecto físico, ao passo que o outro grupo procura melhorias no aspecto social.

No que se refere à procura alicerçada em aspectos orgânicos, constata-se que os principais motivos pela procura são: manutenção da saúde (PENNA; SANTO, 2006); amenizar dores (GOMES; PINTO, 2007); melhorar a saúde (FENALTI; SCHWARTZ, 2003) e a qualidade de vida (DEGÁSPARI; SCHWARTZ, 2005); indicação médica; e manter o equilíbrio biopsicossocial (PENNA; SANTO, 2006), bem como aumentar a expectativa de vida (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007).

Em contrapartida, os principais motivos apontados pelo segundo grupo são: a busca por reuniões de terceira idade por entendê-los como oportunidade de lazer (GOMES; PINTO, 2006), adquirir conhecimento, amizades, novo sentido de vida, ocupar o tempo livre e ter lazer (SOUZA, 2004); livrarem-se da solidão e aumentar a autoestima (BULSING *et al.*, 2007); aumentar a participação social e ampliar amizades (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007; DEGÁSPARI;

SCHWARTZ, 2005; PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006; SOUZA, 2004; OLIVEIRA; CABRAL, 2004). Dessa maneira, pode-se observar que os momentos de lazer são imprescindíveis para que os idosos alcancem objetivos de melhorias vinculadas às suas vidas sociais.

Neste sentido, tendo como foco analisar os processos de socialização que acontecem nessa etapa da vida, a presente pesquisa investigou um contexto específico: o Centro Associativo Renascer (CEAR). Fundado em 25 de fevereiro de 1994, o CEAR, ou apenas “Renascer”, para os mais próximos, é uma entidade sem fins lucrativos que está localizada no município de João Neiva, interior do estado do Espírito Santo<sup>4</sup>, e tem como principal atividade a realização de bingo e forró para pessoas idosas da cidade.

Os encontros para a realização das atividades acontecem duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras. Nas terças-feiras, eles são realizados para se jogar bingo, enquanto nas quintas-feiras os idosos se reúnem para dançar forró. Esporadicamente, o CEAR é aberto aos domingos para realização de forró, ocasião em que os grupos de terceira idade de outros municípios deslocam-se para o Renascer.

Interessados nas dinâmicas que ali acontecem, aproximamo-nos do local e das pessoas que administram o espaço. Posteriormente, passamos a fazer parte das atividades cotidianas do CEAR, participando dos bingos e dos forrós. Após alguns meses acompanhando as atividades desenvolvidas naquele local e, para termos um melhor entendimento acerca das relações que ali ocorriam, apropriamo-nos do conceito de sociabilidade desenvolvido pelo filósofo alemão Georg Simmel (1983). Antes, porém, torna-se essencial compreender como Simmel analisa a sociedade e o indivíduo.

---

<sup>4</sup> Em 2010, a cidade apresentava o terceiro melhor IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do Estado, tendo a expectativa de vida como seu melhor indicador. Dessa maneira, depreende-se que o município, assim como acontece no restante do país, está gradativamente envelhecendo.

Para o filósofo alemão, a sociedade é formada, basicamente, por indivíduos interagindo entre si:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma ‘sociedade’ (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

Associações lúdicas, ou relações de sociabilidades, acontecem principalmente nos momentos de lazer, denotando a importância que os grupos de convivência para idosos têm para seus frequentadores, a exemplo do que acontece no CEAR. Nesse contexto investigativo, a pesquisa teve início com o objetivo de analisar as relações de sociabilidade que aconteciam no CEAR nos momentos de lazer da população que o frequenta, bem como as práticas de lazer que acontecem no local.

### **Estratégias Metodológicas**

Por se tratar de um estudo que buscava investigar e compreender as relações que acontecem em um grupo destinado a desenvolver atividades para pessoas idosas, a pesquisa possui uma abordagem de cunho qualitativo (MINAYO, 2009). Em 2017, tivemos acesso ao local onde as atividades são realizadas e pudemos dar início às nossas observações e anotações. Desse modo, a pesquisa, no que diz respeito aos seus objetivos, classifica-se como descritiva (MICHEL, 2015).

Desta maneira, para melhor descrever, caracterizar e ampliar o entendimento sobre o CEAR, foi necessário acessar os documentos oficiais que regem o funcionamento da instituição. Além disso, partimos do pressuposto de que a nossa inserção no campo nos forneceria elementos para que pudessemos ter um entendimento mais aprofundado sobre o *lócus* de pesquisa, bem como sobre os sujeitos que

frequentam o espaço. Assim, para a coleta de dados, adotamos estratégias metodológicas identificadas com a pesquisa de campo (MICHEL, 2015).

Ademais, compreendemos imediatamente que apenas observar não nos ajudaria a fazer parte do grupo, então utilizamos como estratégia para a obtenção de dados a observação participante (MICHEL, 2015). Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa de campo com observação participante, passamos a fazer parte do cotidiano do CEAR, observando, jogando bingo, dançando forró e registrando, por meio de imagens, vídeos e escritos, quais as relações estabelecidas por aqueles sujeitos. O período em que estivemos inseridos no campo de pesquisa compreende a dezembro de 2017 a dezembro de 2018, sempre nas terças-feiras e nas quintas-feiras, entre 13h e 16h e entre 14h e 16h, respectivamente.

Durante nosso processo de inserção no meio pesquisado, além da coleta de informações através de conversas informais e outros registros, em dado momento, alguns sujeitos foram convidados para participar de entrevistas semiestruturadas. Como critério de participação, foram selecionados os indivíduos que apresentavam maior frequência, seja no bingo ou no forró, bem como aqueles que participavam de ambas as atividades. A participação dos sujeitos deu-se por aderência, ou seja, embora tenha sido convidado, o indivíduo teve a liberdade de aceitar ou não participar da pesquisa.

Além disso, a pesquisa utilizou como instrumentos de investigação os seguintes recursos: diário de campo, registro de imagens, gravação de voz e entrevistas semiestruturadas (MATTOS, 2011). A entrevista semiestruturada, de modo geral, possuía questões abertas que tangenciavam os motivos pelos quais os participantes começaram a frequentar o CEAR, bem como as razões que os faziam continuar frequentando-o. Além disso, buscamos entender quais os anseios daquele público em

relação às atividades desenvolvidas no espaço, além de compreender algumas questões relacionadas aos comportamentos peculiares dos usuários daquele local.

Os entrevistados optaram por realizar as interlocuções em suas próprias residências, pois, de acordo com eles, assim ficariam mais à vontade. Ao todo, foram entrevistados oito sujeitos, dos quais cinco são membros associados e os outros três são membros associados que compõem a diretoria. Além disso, dos oito entrevistados, seis são do sexo feminino e dois, do masculino, tendo entre 56 e 86 anos de idade.

Por fim, cabe destacar que, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, não apresentando qualquer semelhança ou aproximações com os nomes e/ou apelidos das pessoas do grupo.

Após a produção de dados, foi criada a categoria de análise que denominamos de: “O pedaço do CEAR”, que trata das relações de sociabilidades que acontecem no local e que será abordada a seguir.

### **O Pedaço do Cear**

Durante o tempo em que estivemos inseridos no campo, pude observar que o Centro Associativo Renascer se configura como um espaço de lazer predominantemente feminino e essa foi uma das questões abordadas durante as entrevistas. Além disso, durante a produção de dados, principalmente durante as entrevistas, passamos a compreendê-lo também como um ponto de referência para que encontros entre amigos sejam realizados.

Em um estudo que buscava investigar as atividades de lazer que os brasileiros de diferentes faixas etárias realizavam nos finais de semana, Gonçalves, Peçanha e Raimundo (2017) identificaram que as mulheres brasileiras preferiam realizar atividades

de cunho social, enquanto o público masculino, predominantemente, optava por atividades de cunho físico-esportivo. Essa preferência do público masculino por atividades como ginástica e esportes poderia explicar, em parte, a predominância do público feminino no CEAR.

Contudo, em um estudo realizado na cidade de São Paulo, que buscou identificar os motivos pelos quais um grupo de idosas ingressava em atividades destinadas à sua faixa etária, constatou-se que

As motivações para a prática de atividades físicas envolvem o convívio diário possibilitado pelas novas relações de coleguismo e até mesmo de amizades concretizadas ao longo das atividades e busca pelo bem-estar, por novos conhecimentos e pela perspectiva de melhorar a qualidade de vida através dos vínculos estabelecidos e das experiências compartilhadas. De alguma forma, todos os relatos se aproximavam, certamente pela semelhança das trajetórias e por todas serem mulheres marcadas pela pobreza e ausência de oportunidades ao longo da vida (RODRIGUES; FERNANDES, 2016, p. 21).

Algumas dessas características, como ausência de oportunidades ao longo da vida e escassez de recursos financeiros, vão ao encontro dos perfis dos entrevistados no campo. Contudo, ao dar voz aos participantes da pesquisa, os entrevistados foram questionados sobre os possíveis motivos da predominância feminina. No entanto, de modo geral, não houve um consenso. Para os entrevistados,

Ah, menino, agora você me pegou. É mesmo, teve um dia que a gente foi no bingo e só tinha um homem – que já até morreu – mas não sei te dizer o porquê. No forró também, tem mais mulher do que homem, acho que é porque os homens morrem mais cedo [risos]. Sei lá, já reparei isso, mas eu não sei o porquê não (NICOLE, 82 anos).

O homem você sabe, acho que ficam com dó de gastar dinheiro, e homem é mais seguro mesmo. O homem não tem aquela paciência de jogar. Ali dá pouco homem, e também os homens que iam lá morreram. Se eu for falar pra você os homens que iam no forró e já morreram, tem mais de 20 que iam, que frequentavam, que jogavam e gritavam bingo ali pra nós, morreram. Por isso eu acho que fracassou, porque não entrou gente no lugar pra substituir aqueles (INÁCIA, 76 anos).

É porque os homens não gostam de ir, de gastar. Uns falam que não querem gastar porque o dinheiro que eles gastam em bingo, eles fazem outras coisas, porque pra eles gastar o dinheiro em bingo não dá (EDUARDA, 85 anos).



Em relação à constatação de o espaço ser dominado pelo público feminino, pudemos confirmar, durante as observações, o fato de mais mulheres frequentarem o Renascer quando comparadas aos homens, seja no bingo ou no forró, reforçando a predominância feminina no local. Esse aspecto também pode ser observado na diretoria, que, embora seja presidida por um homem, tem os demais cargos ocupados por mulheres que, além de trabalhar na organização, buscam também um local para realizar suas práticas de lazer.

Desta maneira, por configurar um espaço público de lazer, destinado ao público idoso, o CEAR possibilita as relações de sociabilidade das pessoas que ali frequentam, fazendo com que muitos ainda permaneçam frequentando o espaço para não perder o contato com seus colegas. De modo geral, os espaços públicos de lazer, como praças, parques e outros, são locais que privilegiam as relações sociais. Conforme Leite (2011, p. 159), “praças, ruas, jardins e parques, em suas múltiplas funções, constituem o cerne do sistema de espaços livres das cidades, e neles a sociabilidade não pode ser relegada a plano secundário”. Sendo assim, os espaços públicos de lazer são lugares onde ocorre interação dos sujeitos, ou seja, onde acontecem as relações de sociabilidade. Para Silva *et al.* (2012, p. 184), “os fatores motivacionais para se frequentar os espaços públicos de lazer estão relacionados à busca por hábitos saudáveis e interação social”.

Além dos motivos citados pelos frequentadores sobre a permanência no Renascer, durante as entrevistas, tivemos como resposta que “manter o contato social com o outro” foi a principal justificativa citada para que os associados prosseguissem frequentando o CEAR.

Em um de seus estudos, Iwanowicz (2000, p. 119) sinaliza que, ao se aposentar e ser afastado do trabalho, o idoso “[...] perde não somente os amplos vínculos sociais,

mas também a principal razão social da sua existência, que é o processo de manter as relações com o meio ambiente social e material”. A autora ainda diz que idosos nessa situação buscam atividades denominadas “lazer” na tentativa de recuperar seu papel social.

Nesta mesma esteira, Zago e Silva (p. 66, 2003) apontam que “[...] a aposentadoria afastou o convívio dos colegas e deixou um tempo vazio a ser preenchido. O velho passa a sentir-se inútil, pois não tem mais, para a sociedade capitalista, valor produtivo”. Entretanto, contrapondo essa concepção do idoso como um ser improdutivo,

Beauvoir (1990)<sup>5</sup> relata experiências em países como a Inglaterra, a Suécia, os Estados Unidos e a França que procuram incentivar as pessoas de terceira idade a juntarem-se em associações para não se deixarem dominar pela solidão e pela depressão. Esses grupos propiciam condições, segundo a autora, para que as pessoas tenham uma vida social ativa e muitas vezes produtiva. O objetivo desses grupos não é produzir algo lucrativo no sentido de obter uma renda financeira, mas de obter satisfação através de determinadas atividades como dança, teatro, viagens, artesanato ou até mesmo a aprendizagem de uma nova profissão ou de uma nova língua que faça com que a pessoa se sinta em crescimento, mesmo que aparentemente pareça que estas atividades não tenham sentido e aplicabilidade nesta altura da vida (SANTOS; VAZ, 2008, p. 339).

Para Inácia (76 anos), uma das razões para não deixar de ir ao Renascer “[...] é a solidão mesmo. Não tenho onde ir. Fico a semana inteira sozinha, quando tem um forrózinho ali a gente vai lá pra se divertir, pra distrair. Dia de terça tem o bingo e a gente vai lá pra distrair, né, porque já fico sozinha demais”. Nessa mesma direção e, corroborando com a fala da usuária anterior, Nicole (81 anos) narra que

Eu vou pra sair de casa, pra não ficar presa dentro de casa. Há um tempo atrás eu vi que eu não estava me sentindo muito bem [...] E eu sempre fui criada com muita gente e agora que eu fiquei sozinha e, na minha idade, eu acho que eu preciso sair, às vezes eu até gosto de ficar em casa, mas eu preciso sair (NICOLE, 81 anos).

É possível observar que o CEAR constitui-se como um espaço em que há a possibilidade de interagir e conversar com o outro, tendo com uma das finalidades

---

<sup>5</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990.

mitigar a sensação de isolamento, estimulando as relações sociais entre seus frequentadores (SILVA *et al.*, 2012).

Para Santos e Vaz (2008),

A terceira idade é uma fase da vida marcada por vários estereótipos como a passividade, a improdutividade, a assexualidade, a degeneração orgânica e psíquica, além da desvinculação com o futuro e a alienação. Dentre eles, o isolamento social é um dos que mais afeta o bem-estar do indivíduo de terceira idade e contradiz a sua necessidade de socialização e convivência intergeracional (SANTOS; VAZ, 2008, p. 335).

Ainda segundo os autores supracitados, embora muitas vezes a *solidão* e o *isolamento social* sejam tratados como sinônimos, esses fenômenos precisam ser observados de forma diferenciada. Enquanto a *solidão* é abordada como o sentimento de ser afastado dos outros, o *isolamento social* corresponde à separação física.

[Algumas pessoas] são levadas à situação de *solidão* por afastamento do ambiente de trabalho, do local de residência e também pela morte dos parentes e amigos. A *solidão* seria assim o conjunto de uma série de fatores como o isolamento e as perdas decorrentes da passagem do tempo. As situações de isolamento social facilitam a ocorrência da angústia de *solidão* que leva aos estados depressivos e regressivos, às doenças somáticas e inclusive à morte quando o distanciamento se torna muito acentuado (SANTOS; VAZ, 2008, p. 335-336).

Nesta mesma perspectiva, Zago e Silva (2003) sinalizam que

O tecido social representa um elemento primordial na conservação da sua saúde, tanto física quanto psíquica, uma vez que o isolamento social provoca o aparecimento da angústia, da *solidão*, tão frequentes no idoso, por terem sido cortados e afastados dos outros e definem bem sua situação de “estar só” ou de “abandono” (ZAGO; SILVA, 2003, p. 71).

Deste modo, na tentativa de evitar o isolamento social e, por consequência, a *solidão*, muitos idosos buscam centros de convivência, a exemplo do que acontece no Renascer, acentuando a importância desse espaço para a população do município e, sobretudo, para os frequentadores mais antigos. “Esses grupos propiciam um compromisso regular, que não apenas ocupa um espaço temporal, mas também preenche o vazio do sentimento de *solidão* que na terceira idade, quando frequente, traz danos à saúde física e mental” (SANTOS; VAZ, 2008, p. 340).

Nos momentos em que estão no CEAR, as entrevistadas descreveram sentirem-se bem, felizes, alegres, como narram a seguir.

Eu me sinto feliz, porque eu fico aqui sozinha a semana inteira. Igual a minha nora, ela desceu aqui, fez aquele agradinho, mas tem vez que ela passa a semana inteira sem vim aqui em casa. Eu converso mais com meu ex-marido do que com minha nora e minhas duas netas. Quando vou [ao Renascer] me sinto bem, parece que o mundo se abre pra gente, porque eu gosto de estar conversando, eu gosto de estar num lugar que eu converso, contando piadas, falando bobagens para os outros, eu adoro, eu gosto (INÁCIA, 76 anos).

[...] Acho que isso daí é um ‘conviver de saúde’ pras pessoas que já estão idosas igual eu e outros que estão mais. Porque as pessoas da minha idade, da mesma idade ou mais novas dos que eu, se sentem bem estando num lugar assim, porque ali você encontra uma conhecida, você encontra outra, encontra outra, ali você conversa, você senta e conversa, você bate um papo, ali você ri, você brinca. Aquilo ali tá distraindo a cabeça da gente, tirando da cabeça da gente aquele pensamento ruim [...] (MICHELE, 82 anos).

Ah, eu me sinto tranquilo, me sinto à vontade. O espaço é grande, é aberto, é ventilado. Além de tudo tem aquela vegetação ali do lado, aquelas árvores. Então eu fico bem. A minha casa é pequena e faz muito calor. Já pensou eu ficar dentro de casa assistindo televisão e sentado? A pessoa sentada fica sedentária né? E lá daquele jeito, eu vou pra lá, fico brincando, é um divertimento pra mim (DIEGO, 56 anos).

Me sinto bem, eu gosto. Gosto porque me tratam bem e eu trato bem os outros. Mas eu me dou bem com todo mundo, não tem nenhuma [pessoa] que eu estou de mal, nenhuma. Tem 20 anos que eu estou aí dentro. E vem gente de Vitória vem gente de Coqueiral. Se você visse... [...] eu tenho as fotografias das minhas amigas e todas abraçadas comigo e me beijando... não sabiam o que fazer comigo, é bom né?! (EDUARDA, 85 anos).

As falas acima simbolizam alguns dos sentimentos que as pessoas nutrem e mantêm em relação ao CEAR. Nesses discursos, é possível notar elementos que nos levam a inferir que o espaço é agradável e configura-se como um local onde as pessoas têm a possibilidade de interagir com o outro, conversar e se divertir juntamente com seus amigos, afastando-se de sentimentos como a solidão. Assim, na esteira de Magnani (2003, p. 7), o CEAR pode ser entendido como um ‘pedaço’ cujos frequentadores demonstram “[...] lealdades, códigos compartilhados, pertencimentos; a recorrência de seu uso apontava para uma riqueza de significados [...]”, tornando-se um espaço acolhedor para as pessoas que fazem parte do pedaço.

Além do fortalecimento dos vínculos de amizades já existentes, também é possível notar que, durante as atividades desenvolvidas no local, há a possibilidade de que novas amizades sejam criadas (STIGGER; SILVEIRA, 2004), como mencionado por uma participante.

Eu gosto de jogar bingo, eu gosto de dançar, eu gosto de conversar com as minhas colegas, eu converso muito com as minhas colegas, vem gente estranha de Vitória, e em apenas uma vez que elas vêm ficam tudo conhecida minha, conhece logo todo mundo, elas me perguntam as coisas eu falo pra elas, eu falo: a terceira idade de João Neiva é uma beleza (EDUARDA, 85 anos).

Contudo, é apontado por Magnani que, para fazer parte do pedaço, há alguns critérios a serem seguidos:

[...] não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ‘ser do pedaço’; era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. (MAGNANI, 2003, p. 7).

Desta maneira, o pedaço do CEAR configura-se como um local que, apesar de ser aberto a novos participantes, é composto principalmente por pessoas que possuem laços de amizades mais antigos, em que é desenvolvida uma sociabilidade “[...] mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade [...]” (MAGNANI, 2006, p. 116). Isso não impede que novas pessoas entrem no grupo, desde que passem a frequentar o local com assiduidade.

Além do sentimento de pertencimento e da vontade de manter contato com o outro, uma segunda justificativa dada pelas pessoas que ainda continuam frequentando o CEAR foi a proximidade do espaço com a sua residência. Em um estudo que buscava entender os motivos da utilização dos espaços públicos de lazer, Silva *et al.* (2012, p. 180) identificaram que “[...] uma das razões de frequentar os espaços de lazer está relacionada com a subcategoria comodidade. Dentre os fatores motivacionais,

considerou-se a proximidade das residências dos entrevistados em ambos os espaços”. Além disso, ainda segundo os autores, “o contato com a natureza, a proximidade das residências dos frequentadores, as características e a segurança desses espaços também são considerados fatores motivacionais” (SILVA, *et al.*, 2012, p. 184). Isso pode ser observado nas falas dos frequentadores CEAR quando relatam que

[...] eu não sou de ficar passeando na casa de um, na casa de outro e pra eu ir na casa dos meus irmãos eu preciso pegar táxi, e um táxi cobra uns R\$10, R\$20 reais. Então eu não vou na casa de ninguém e quando tem [atividade] no Renascer que é ali pertinho eu vou (INÁCIA, 76 anos).

Devido à [dificuldade de] locomoção e eu não tenho dinheiro de pagar táxi pra eu ir pra longe, e como aqui é pertinho eu vou pra lá por causa disso (DIEGO, 56 anos).

Um dos pontos positivos do CEAR é que ele fica localizado no centro da cidade. A rua é plana e calçada, não tendo necessidade de se subir ladeiras para seu acesso. Por se tratar de uma cidade pequena, a maior parte dos bairros são ligados ao centro, facilitando, assim, a aderência de grande parte do público que ainda frequenta o espaço. Todavia, não foram observadas, nas instalações, estruturas que facilitem a acessibilidade de deficientes, sejam visuais ou físicos.

De acordo com Silva *et al.* (2012, p. 172), espaços públicos de lazer “[...] podem ser significativos para seus frequentadores, devido os benefícios que proporcionam. No entanto, necessitam ser amparados por uma infraestrutura organizada, que possibilite um interesse de utilização pelos frequentadores”. Em contrapartida, Marcellino (2006) destaca que, devido à depredação dos espaços públicos específicos de lazer, bem como à violência, os espaços residência/lares vêm sendo utilizado como um equipamento de lazer não específico:

A violência, a falta de segurança, são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias casas, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que têm, na casa, seu principal ‘equipamento’ de lazer (MARCELLINO, 2006, p. 74).

Cabe destacar que, durante o tempo em que estivemos no campo de pesquisa, não observamos sinais de violência, tampouco de depredação. Entretanto, a infraestrutura do CEAR necessitava de reformas e melhorias e isso, possivelmente, fez com que algumas pessoas perdessem o interesse nas atividades realizadas naquele local.

Desta maneira, para os grupos de maior poder aquisitivo, a saída é migrar para espaços de lazer semipúblicos, ao passo que os de menor poder aquisitivo, na impossibilidade de pagarem para ter acesso aos espaços de lazer privados, continuam utilizando os espaços a que têm acesso. Conforme sinalizado por Marcellino (2006, p. 78), “[...] a iniciativa privada já vem criando novos espaços de lazer no ambiente urbano. Mas num país periférico como o Brasil, a grande maioria da população não possui condições financeiras de desfrutar dos equipamentos de lazer pagos”.

Nesta mesma direção, Andrade, Jayme e Almeida (2009) compreendem que

[Os grupos de maior poder aquisitivo] adotaram comportamentos mais vigilantes nos espaços públicos e privilegiaram os semipúblicos. Os grupos de menor poder aquisitivo continuam frequentando os espaços públicos tradicionais, como os do centro da cidade, e os espaços próximos às suas residências, em geral mal cuidados pelo poder público e abandonados até mesmo pela polícia, fato que muitas vezes os transforma em ponto de consumo e tráfico de drogas, especialmente à noite. Durante o dia, continuam a abrigar uma sociabilidade típica dos bairros populares, como o encontro entre vizinhos, sejam jovens, crianças ou adultos (ANDRADE; JAYME; ALMEIA, 2009, p. 132).

Assim, os frequentadores que utilizam o CEAR e não podem pagar para utilizarem outros espaços ficam à mercê das possibilidades oferecidas pelo poder público municipal. Embora em nenhum momento a violência tenha sido citada pelos entrevistados como fator que impeça a prática das atividades oferecidas no espaço, a infraestrutura, por sua vez, foi alvo das críticas.

De acordo com os associados, a infraestrutura do CEAR não satisfaz as necessidades do público atendido, fazendo com que esse aspecto acabe se tornando um desmotivador e um dos fatores que fizeram o número de frequentadores diminuir

significativamente. Assim, grande parte das pessoas que antes eram atendidas pelo CEAR e que possuíam automóvel e/ou condições financeiras que as possibilitassem buscar outros espaços de lazer passaram a frequentar os que estão localizados nos municípios vizinhos. Dessa maneira, aqueles que não possuíam tais condições permanecerem frequentando os espaços disponíveis e próximos à sua residência.

De modo geral, os frequentadores remanescentes relataram que o piso não é adequado para a prática da dança, o ambiente não é climatizado e o edifício necessita de pequenas reformas para melhor atender à demanda dos associados. A falta dessas melhorias contribuiu para que muitos idosos deixassem de participar das atividades do CEAR e passassem a buscar grupos de terceira idade sediados em outros municípios. Michele (82 anos) resume bem esse quadro ao nos relatar que

O pessoal daqui começou a ir pra lá [município vizinho] porque tá muito bom, porque lá tem ar-condicionado, lá tem tudo. E o nosso Renascer aqui, se der uma chuva a gente se molha todo porque o telhado precisa mudar, o piso precisa mudar, o piso é liso, é um piso de cimento liso e tá todo rachado, todo trincado. Então não tem melhoria nenhuma ali porque ninguém ajuda. A verba não vem pra fazer almoço e nem melhorias pro Renascer. Então o Renascer tá largado às traças. Não está totalmente largado porque o atual presidente vai lá todos os dias. (MICHELE, 82 anos).

Em um estudo que buscava investigar os motivos pelos quais alguns idosos deixavam de participar de Grupos de Convivência (GCs), Moura e Souza (2015, p. 1052) constaram que “a maior parte dos egressos alegou questões familiares, seguidas de problemas de saúde”. Além desses motivos, mudanças na organização dos GCs, como o término do baile e mudança do animador cultural, fizeram com que os idosos se retirassem do grupo. Os achados deste estudo, como o término do baile, por exemplo, vão ao encontro da realidade vivenciada no CEAR, podendo nos ajudar a refletir sobre os motivos pelos quais alguns idosos passaram a buscar outros grupos de convivência.



Outro aspecto citado pelos participantes foi o de como o CEAR era antigamente. Assim, ao ser questionada sobre como funcionava o Renascer nos seus primeiros anos, uma participante narrou que

Antigamente era muito animado, o pessoal participava mais, mas não precisava pagar. Quando começaram a cobrar, o pessoal parou de ir. Porque antes era assim, era um aparelho de som que uma pessoa colocava uns CD's e a gente dançava. Aí depois inventaram de colocar 'o tocador' [músico] aí começaram a cobrar pra poder pagar o tocador. Mas antes quando era tudo de graça, quando a gente não pagava nada, era muito animado, mas quando começaram a cobrar o pessoal desanimou. Vou falar uma coisa pra você, se falar que tem que pagar quase ninguém vai, porque se tiver que pagar quase ninguém vem pra não pagar (NICOLE, 81 anos).

Em consonância com a usuária anterior, Eduarda nos conta que

O CEAR era muito bom, começou com bastante gente e depois foi aumentando. Se eu falar que aquele Renascer era ruim eu tô mentindo. Todo final de mês tinha almoço, tinha forró toda quinta feira com muita gente e também tinha lanche nas terças. Um dia era bolo, no outro era pão, tinha bolo salgado, refrigerante... então era muito bom, muito bom mesmo, não faltavam as coisas e tinha muita gente. Depois foi diminuindo, diminuindo e diminuindo até não ficar quase ninguém, eu tava sentindo que o Renascer tava morrendo (EDUARDA, 85 anos).

Assim, é possível perceber que os frequentadores mais antigos, que acompanharam as mudanças que aconteceram com o decorrer do tempo, gostam de lembrar e comparar como o local era com o que ele se tornou. Contudo, ao serem questionados sobre o porquê de o grupo não se realimentar, o que causou e ainda causa grandes dificuldades, sobretudo no desenvolvimento das atividades, os participantes não souberem responder.

Como dito anteriormente, após o forró das quintas-feiras ter sido suspenso, os frequentadores que ainda iam ao CEAR aspiravam a que essa atividade retornasse o mais brevemente possível. Nesse meio tempo, possivelmente alguns idosos tenham buscado outros centros de convivência para satisfazer seus desejos e tenham encontrado nesses espaços uma estrutura que os cativou, atenuando a necessidade de eles voltarem ao Renascer.

Além do anseio por melhorias do espaço físico, parte dos frequentadores do CEAR possuíam outros anseios em relação ao espaço, bem como o desejo de que novas atividades fossem desenvolvidas na instituição. Durante as entrevistas, quando questionados sobre quais atividades poderiam ser realizadas no Renascer além das que já eram desenvolvidas, os entrevistados nos contaram que

Poderia ter alguma palestra, né? Palestra também seria muito bom... Sobre todas as coisas que falam sobre o idoso, sobre os cuidados que ele tem que ter com a saúde... Por que você sabe, são todos comilões, e às vezes não comem como deveriam. [...] Todos os que vão ao Renascer são aposentados, eles vão com o dinheirinho deles. Eu quero dizer assim, que se você fizer uma comida, como quando a gente fazia, se nós fizéssemos uma comida *light* ou *diet* eles não gostavam, entendeu? Eles gostam de comer bem e às vezes não pode, né (SEBASTIANA, 76 anos).

Palestras. Dava pra fazer uma palestra, convidar as pessoas pra fazer uma palestra. Uma reunião, quando viesse alguém importante aqui na cidade, ia no Renascer fazer uma reunião. Sobre a terceira idade, né, que é gente mais velho que vai ali, então é pra terceira idade. Quer dizer, dar mais informação para as pessoas. Tem o bingo, tem o forró, nós temos também uma *personal* que ajuda a gente na academia, o espaço ali é bom, tem segunda de manhã, segunda à tarde, terça de manhã, quarta de manhã, quarta à tarde. As pessoas vão fazer exercícios ali, só pessoa da terceira idade. Então isso aí já tem, então se marcasse um dia do mês pra chegar e falar sobre as coisas para as pessoas [orientar], eu acho isso importante (DIEGO, 56 anos).

Apesar de a academia estar localizada dentro do espaço físico pertencente ao CEAR, não analisamos as relações que aconteciam naquele espaço, assumindo, assim, que se trata de uma das limitações deste trabalho (embora isso não fizesse parte do nosso contexto investigativo). Contudo, não temos a pretensão de ocultar a existência da academia nesta pesquisa, pois, em algumas falas, os entrevistados nos apontaram que a academia também é um espaço importante na composição do CEAR.

Em suma, alguns frequentadores do Renascer ansiavam e careciam de orientações acerca da sua saúde, indicações nutricionais e, no caso daqueles que frequentavam a academia, direcionamentos para a prática de exercícios físicos. Também havia aqueles que não ansiavam pela adição de nenhuma outra atividade, mas sim pela manutenção das que já estavam estabelecidas (nesse caso, o bingo e o forró), como pode ser observado nas falas a seguir.

Pra mim só o forró mesmo já estava bom. Já estava de bom tamanho, porque eu não tenho vontade de procurar mais atividades ou curso pra fazer. E outra é que eu não tenho leitura, né, eu não tenho leitura suficiente pra nada. Num curso tem que saber ler, e outras coisas. Então pra mim o que falta ali é só o forró mesmo (INÁCIA, 76 anos).

Essas atividades que têm aí, só o bingo e o forró já está de bom tamanho pra nós... Pra mim, né, agora as outras eu não sei... Elas têm outra opinião, né (MICHELE, 82 anos).

Eu queria que tivesse dia de quinta-feira o baile também, a gente ia dançar direto, né?! Quinta e domingo direto (EDUARDA, 85 anos).

No Renascer não queria nada não. Só o forrózinho mesmo tava bom, mas o forró [na quinta-feira] começou e acabou porque diziam que era só umas quatro pessoas que dançavam então tá certo, né. Se tivesse só o forró e o bingo tá bom (NICOLE, 81 anos).

Com base nessas falas, é possível depreender que parte do público que frequenta o CEAR, embora exista uma quantidade limitada de atividades que lhes são oferecidas, possui um forte vínculo e identificação com o forró e o bingo, ao ponto de não desejarem a implementação de outras práticas, divergindo do grupo que anseia por novas atividades. Assim, pudemos notar que não existe um consenso sobre a implementação de novas atividades ou manutenção das atividades já existentes. Uma parte do grupo entende que o bingo e o forró já são suficientes, ao passo que outros associados anseiam pela diversificação das atividades oferecidas, gerando assim tensões e disputas entre grupos.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho teve como finalidade discutir as relações de sociabilidade que aconteciam em espaço que se destina a desenvolver atividades de lazer para idosos, o CEAR. Durante a realização do trabalho, desde a nossa inserção no campo até a produção de dados, foi possível entender o Renascer como um local extremamente rico, tanto no que tange às redes de sociabilidade que são construídas a cada encontro, como

no que se refere à importância daquele espaço para as pessoas que ainda o têm como único local para se divertir e encontrar seus amigos.

Apesar de o município que sedia o CEAR acompanhar o fenômeno do envelhecimento vivenciado pelo país, durante as observações, pudemos observar um número reduzido de pessoas que compareciam ao local. Além disso, não havia uma grande rotatividade de frequentadores, o que, para a pesquisa, pode ser considerado algo bom, uma vez que pudemos interagir e entrevistar um público fiel ao Renascer, que acompanhou a trajetória da instituição desde o princípio até os dias atuais. Em contrapartida, essa pequena rotatividade pode ser considerada ruim para o CEAR enquanto instituição, pois, além de manter um público fiel, é interessante que novas pessoas passem a frequentar o local, bem como que as atividades desenvolvidas possam alcançar o maior número de pessoas possíveis, para que o Renascer tenha a capacidade de se manter com recursos próprios e não dependa exclusivamente do poder público, que, de acordo com os entrevistados, não esteve muito presente nos últimos anos.

As tentativas de justificar a evasão do público idoso do Renascer são as mais diversas, indo desde o falecimento dos frequentadores mais antigos à não aderência de novos membros devido às atuais condições de infraestrutura do local. Contudo, ao conviver com o público do CEAR e interagir, sobretudo com os responsáveis pela organização das dinâmicas desenvolvidas no espaço, pudemos perceber que há uma deficiência no que se refere à divulgação dos eventos/atividades realizados(as) no local, fazendo com que o papel de divulgação e busca por novos membros fique a cargo dos próprios frequentadores.

Em um primeiro momento, sob um olhar superficial, tínhamos a visão de que estávamos em um local onde não havia discordâncias nem conflitos e no qual tudo ocorria pacificamente. Todavia, essa percepção foi reconstruída à medida que

participávamos dos encontros. O local, que antes era idealizado como harmonioso e pacífico, deu espaço a um lugar em que havia disputas entre grupos, tensões e pequenos conflitos que, na maior parte dos casos, eram resolvidos entre os próprios participantes. Em algumas situações, havia a necessidade de intervenção por parte da diretoria, no intuito de resolver os impasses e dar seguimento às atividades. Contudo, apesar das relações nem sempre pacíficas, todos que se dirigiam ao CEAR buscavam aproveitar as atividades em função das redes ali estabelecidas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciana Teixeira de; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metr pole**, n.21, p. 131-153, 2009.

BULSING, Francine Letiele; OLIVEIRA, Kênia Fernandes de; ROSA, Luana Maria Kilian da, FONSECA, Lunara da; AREOSA, S lvia Virginia Coutinho. A influência dos grupos de convivência sobre a auto-estima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul-RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v.4, n.1, p.11-17, 2007.

DEGÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.21, n.1, p.69-76, 2005.

FENALTI, Rita de Cássia de Souza; SCHWARTZ, Gisele Maria. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. **Revista Paulista de Educação Física**, v.17, n.2, p.131-141, 2003.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Gabriela Baranowski. O lazer na velhice: Reflexão sobre as experiências de um grupo de idosos. **Kairós**, v.9, n.2, p.113-133, 2006.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Gabriela Baranowski. Pesquisando o lazer de um grupo de idosos no Brasil. **L CTURAS: Revista Digital (Buenos Aires)**, v.11, n.106, 2007.

GONÇALVES, Natália de Souza; PEÇANHA, Bruna Eliza Previatello; RAIMUNDO, Sidnei. A cartografia e sua aplicação nos estudos de lazer: algumas possibilidades do lazer do brasileiro. *In*: STOPPA, Edmur Ant nio. ISAYAMA, Hélder Ferreira, (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agência de notícias**. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia->

noticias/2012-agenciadenoticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30- milhoesem-2017. Acessado em: 27 mar. 2019.

IWANOWICZ, Josefa Bárbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. *In*: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Temas sobre lazer**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. Um sistema de espaços livres para São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p.159-174, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 2006. 166p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**. São Paulo, v. 1, n. 0, out. 2003. Disponível em: [http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua\\_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf). Acesso em: 07 jul. 2018.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães, e CASTRO, Paula Almeida de, (Orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. O lazer e os espaços na cidade. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 165 p.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOURA, Aline Oliveira Dias; SOUZA, Luciana Karine de. Grupos de convivência para idosos: participantes, egressos e desinteressados. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 15 n. 3, p. 1045-1060, 2015.

OLIVEIRA, Braulio Nogueira de, FEITOSA, Wellington Gomes, FERREIRA, Heraldo Simões. Análise da percepção dos idosos integrantes de grupo de práticas na atenção primária aspectos motivacionais e o fazer multiprofissional. **Motrivivência**, ano XXIV, n. 38, p. 149-158 jun./2012.

OLIVEIRA, Maria da Guia de; CABRAL, Benedita Edina. O lazer nos grupos de convivência para idosos: prática renovada de sociabilidade. *In*: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7., E ENCONTRO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 4., 2004, São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2004, p. 1632-1638. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf). Acesso em: 02 jun. 2019.

PENNA, Fabíola Braz; SANTO, Fátima Helena do Espírito. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.8, n.1, p.17-24, 2006.

PEREIRA, Larissa Almeida; PEREIRA, Alexandre Vinicius da Silva; MORELLI, Grazielle. A importância do lazer da terceira idade: um estudo de caso em Ribeirão Preto. **LÉCTURAS: Revista Digital (Buenos Aires)**, v.98, 2006.

RODRIGUES, Juliana Pedreschi. FERNANDES, Charles Augusto Moreira. Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.4, dez/2016.

SANTOS, Geraldine Alves dos; VAZ, Cícero Emídio. Grupos da terceira idade, interação e participação social. In: ZANELLA, Andréia V. *et al.* (Orgs). **Psicologia e práticas sociais [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 333-346. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-31.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da, *et al.* Sociedade, cultura e saúde: motivação na utilização de espaço público de lazer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-188, jan/mar de 2012.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Espaço de Jogo – Espaço de Envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. I, p. 177-192, set. 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade** [tradução, Pedro Caldas]. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES, E. (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SOUZA, Luciana Karine de. Velho amigo, amigo velho: Amizade na velhice. In: Odair Perugini de Castro (Org.). **Envelhecer: revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 69-86.

STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel da. A prática da "bocha" na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, maio/agosto de 2004.

ZAGO, Adriano Volnei; SILVA, Aline Soares da. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, n.28, p.54-73, set. 2003.

ZIMERMANN, Guitte. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 232p.

**Endereço dos Autores:**

Cesar Felipe Cumim do Nascimento  
Endereço eletrônico: cesarfelipe@hotmail.com

Ivan Marcelo Gomes  
Endereço eletrônico: ivangomes@hotmail.com